



## A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MULHERES MIGRANTES

Betina Galves Rui<sup>1</sup>  
Fabiana Rikils<sup>2</sup>

### Resumo

A diversidade nos fluxos migratórios aumentou no que se refere ao gênero feminino, colocando este frente a situações como a violência de gênero. Assim, tem-se o seguinte problema: como a educação pode ser protetiva à violência de gênero contra mulheres migrantes? Como objetivos, o primeiro seria analisar a existência da violência de gênero contra as mulheres migrantes e num segundo momento, esclarecer o conceito da educação, bem como sua influência na prevenção da violência de gênero contra mulheres migrantes. Para resolução foi utilizado o método dedutivo, onde se concluiu que uma educação humanizada que aborde os atos de violência de gênero e a aceitação de migrantes é um meio de prevenir tais atos.

**Palavras-chave:** Migrantes. Educação. Violência de gênero.

### Introdução

A partir da década de 1950 os deslocamentos populacionais aumentaram em quantidade e gênero, havendo um número de mulheres considerável nesses fluxos migratórios. E por isso as relações empregatícias e independência aumentaram para as mulheres. Ocorre que um imigrante indocumentado é objeto de abuso e discriminação. Logo, é recorrente que mulheres migrantes sofram violência de gênero, pois não existe uma conscientização e educação da sociedade em relação aos migrantes. Assim sendo, impõem-se o seguinte problema: como a educação pode ser uma medida de proteção à violência de gênero contra mulheres migrantes?


Para resolução do problema, o trabalho foi dividido em três seções, excluída a presente introdução. Na primeira o objetivo é analisar a violência de gênero contra as mulheres

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Direito na linha de pesquisa Políticas Públicas de Inclusão Social na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: bee.gr@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Direito, linha de pesquisa em Constitucionalismo Contemporâneo pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: fabirikils@hotmail.com





migrantes, enquanto que na segunda, o objetivo é esclarecer o conceito de educação e como ela pode influenciar na prevenção da violência de gênero contra essas mulheres.

Como caminho para conclusões na pesquisa, utilizou-se o método de abordagem dedutivo, que através de disposições elencadas em cada seção da pesquisa torna-se possível chegar a uma conclusão, bem como a uma solução do problema proposto, por meio do método de procedimento sistemático, que através de disposições ordenadas de informações é possível fazer conclusões relativas ao problema da pesquisa e a técnica de pesquisa realizada em artigos, livros e legislação voltados para a satisfação da análise de medidas educacionais provenientes da prevenção e, conseqüentemente, proteção da violência de gênero contra mulheres migrantes.

### **A violência de gênero e as mulheres migrantes**


Em primeiro lugar, ressalta-se que a violência possui raízes na discriminação, apesar de possuir manifestações diversas e de acordo com cada sociedade. Logo, significa dizer que de acordo com o contexto cultural e social de cada território e sociedade é possível a existência de determinados atos que são considerados violência em um lugar, mas não em outro. “Pensar a violência implica considerar as bases e o desenvolvimento histórico que determinam as formas que ela assume ao longo da organização das sociedades”. (NEVES; ROMANELLI, 2006, p. 4).

A violência pode ser traduzida como um desregulamento do conflito existente entre duas ou mais pessoas, que foge do controle. Segundo Muller (1995, p. 29): “quanto à violência, surge logo como um des-regulamento do conflito que deixa de lhe permitir cumprir sua função, que é estabelecer a justiça entre os adversários”.

Ocorre que esse desregulamento somente acontece porque existe um desejo que é contrariado por outra pessoa e, essa contrariedade, gera uma ameaça de morte do outro, ou seja, de morte do desejo que aquele possui. Assim, “a violência enraíza-se num desejo ilimitado que esbarra no limite constituído pelo desejo dos outros”. (MULLER, 1995, p. 30).

Esse conflito ou controvérsias geradas através da diferença pauta claramente a situação das migrantes. Logo, importante ressaltar a questão do aumento dos deslocamentos populacionais que ocorreram a partir da década de 1950, que foi caracterizado por uma





diversidade de gênero, assim como pelas múltiplas relações que os imigrantes estabelecem entre a sociedade de destino e de origem dos fluxos. A participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais é uma característica que tem colocado questões significativas para as teorias sobre migrações.

Para Mirjana Morokvasic (1984, p. 886-907), a incorporação de mulheres imigrantes à força de trabalho nos países industrializados tem sido vista no contexto de crise econômica mundial, contexto esse marcado por uma progressiva desindustrialização e por um mercado de trabalho sexualmente segregado. Em geral, essas mulheres inserem-se no setor de serviços domésticos e utilizam-se de redes sociais informais, os chamados enclaves étnicos de imigrantes.


É possível afirmar que os problemas, as necessidades e as expectativas das migrantes têm mudado consideravelmente na última década. O que antes estava associado à questão da reunificação familiar, dá lugar à iniciativa rumo à independência, tendo em vista que cada vez mais mulheres empreendem a migração desacompanhadas, em busca de melhores condições de vida e emprego, não somente para si, mas também para seus filhos e famílias, como trabalhadoras migrantes.

As mulheres migrantes são os principais agentes ativos no envio de remessas aos seus países de origem (DUTRA, 2012, p.90). Essas remessas são um alívio econômico para as famílias receptoras, mas também um fator de reequilíbrio entre gêneros, uma vez que, ao enviarem dinheiro, as mulheres, assumem um papel que não tinham e as que recebem assumem novas responsabilidades na administração do orçamento familiar. Dessa forma, a migração feminina se caracteriza como uma estratégia de sobrevivência.

No fenômeno migratório homens e mulheres se inserem em contextos diferentes, se deparam com diferentes oportunidades, riscos e desafios, entretanto, são oferecidas as mesmas oportunidades para migrar legalmente para ambos. A falta de um marco legal adequado às necessidades das mulheres migrantes no mundo as torna mais vulneráveis e muito mais expostas aos riscos decorrentes da mobilidade (DUTRA, 2012, p. 101), tais como à exploração laboral e sexual e o tráfico de pessoas. Soma-se a esse quadro a discriminação, a violência contra a mulher e os riscos específicos para sua saúde.

De um modo geral, o que não existe no meio social é a educação para aceitação das mulheres migrantes, a fim de que exista o respeito e a consideração de igualdade para com as





mesmas. Em outras palavras, que às mulheres migrantes sejam aplicados também valores e, consequentemente, maior aceitação.

### **A educação como proteção à violência contra as mulheres migrantes**

O âmbito educacional é um espaço privilegiado para o tratamento deste assunto pois possibilita uma reflexão para esclarecimentos, ensinamentos e mudança na forma de pensamento e concepções sobre gênero e igualdade.

Os fluxos migratórios, sejam eles forçados ou não, têm alcançado níveis sem precedentes nos últimos anos, o que para muitos governantes é visto como um problema a ser resolvido e controlado. Para além desta perspectiva, a migração pode ser entendida como uma estratégia que homens e mulheres se valem para lidar com situações adversas ou se adaptarem a mudanças súbitas de seu contexto (INGLÊS, 2014, p. 32).


É preciso estabelecer meios regulatórios e valorativos apropriados para a situação das mulheres migrantes. São por esses motivos que uma educação relativa ao gênero e migrantes é necessária para que abusos e atos violentos não ocorram. A ideia de utilizar a educação é porque esta pode contribuir para que crianças e adultos se desenvolvam em sociedade com condições suficientes de entendimento de valores para se projetarem de inúmeras formas ante situações como gênero e imigração.

Em outras palavras, a educação é o cerne para que uma pessoa seja uma cidadã, entendendo a realidade em que está inserida e podendo formar opiniões e agir de acordo com estas em cada momento que a vida lhe fornece. Sendo assim, é importante que haja educação sobre os preceitos mínimos que permeiam a sociedade, como igualdade, liberdade e a dignidade da pessoa humana.

A realidade da condição migratória revela que os papéis sociais que recaem sobre a mulher se sobrepõem, condicionando sua vivência e integração na sociedade de destino e configurando um cenário de vulnerabilidade (PARELLA, 2003, p. 12). Não por acaso, essas mulheres se alocam em serviços de baixa remuneração, não formalizados e com condições precárias de trabalho, como nas oficinas de costura ou no trabalho doméstico e de cuidados.

Ser mulher, trabalhadora, estrangeira e indocumentada conjuga uma série de marcadores identitários que vinculam discriminações e a violência de gênero é um deles. Esta





nem sempre ocorre de maneira física, podendo ser moral, psicológica, socioeconômica ou verbal, se tornando um sinônimo de violência familiar, como esclarecem Costa e Porto:

Por isso, dentre as várias formas de manifestação da violência no dia a dia, a chamada violência contra a mulher, também considerada sinônimo de violência familiar, violência doméstica ou violência de gênero, embora seja recente, vem ganhando espaço no cenário atual. (COSTA, PORTO, 2011, p. 13).

Cabe destacar, o argumento da Caritas Internacional (2012) de que as mulheres migrantes têm muito a oferecer: “Elas não são vítimas por natureza, mas por causa de sistemas injustos, preconceitos e maus tratos. Chegou a hora de avaliar a sua contribuição à sociedade, com políticas de migração que as defendam e protejam”.

A violência de gênero está associada à reprodução dos estereótipos e papéis de gênero e de migrantes. Assim, o diálogo sobre tais questões torna possível a mudança de hábitos ou melhor entendimento sobre a igualdade que deve existir entre os aspectos mencionados e a educação tem o privilégio de poder abordá-los.


A educação como forma de prevenção à violência de gênero é plenamente possível e o objetivo que se desdobra através das menções feitas é basicamente construir uma sociedade que pratique as previsões constitucionais como igualdade, dignidade e liberdade, originando na sociedade cidadãos mais reflexivos e responsáveis sobre seus atos, e principalmente mais humanos e solidários, independente da condição ou gênero a que a própria pessoa ou outra esteja submetida. “Os objetivos constitucionais básicos da educação brasileira visam o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho”. (VIANNA, 2006, p. 2).

Vale destacar que a educação permite que exista maior diálogo entre as pessoas. Por conseguinte, verifica-se que a educação é uma forma de atuar na prevenção da violência de gênero à mulheres migrantes, pois intervém no costume das pessoas, criando mecanismos de reflexão e originando concepções que torne possível uma visão diferente sobre o gênero e a migração, evitando os atos de violência até que estes diminuam consideravelmente ou deixem de existir.

### **Considerações finais**

Decorrente de movimentos sociais para reivindicação de maior igualdade e direitos, as mulheres passaram a ter maior independência e participação em diversos acontecimentos





sociais, e os fluxos migratórios são um deles. Ocorre que a discriminação de gênero e de migrantes são dois fatores que dificultam as diversas relações que as mulheres migrantes podem criar e manter no novo território que passam a ocupar, e a violência de gênero é uma característica dessa discriminação.

Esses atos violentos e discriminatórios acontecem porque não existe no âmbito social um sentimento de igualdade e inclusão de mulheres migrantes, que pelo fato de serem mulheres se tornam mais vulneráveis às discriminações e violência. Logo, se conclui que não existe costumes de práticas humanizadas em relação ao próximo, fato este que a educação pode abordar e desenvolver, atuando de forma preventiva.

Nesse sentido é que a educação pode ser um meio de resolução desse tipo de conflito social. Ou seja, educar a sociedade valorativamente, através de reflexões sobre igualdade em relação ao outro e também dignidade e liberdade, podendo ser uma forma de humanizar os sujeitos que compõem a sociedade por meio de uma forma preventiva e, conseqüentemente, de proteção, proporcionando, com o tempo, situações de inclusão e aceitação de mulheres migrantes em condições dignas.

## Referências


Caritas Internacional. Resenha *Migrações Na Atualidade*. Ano 23 nº 89. Novembro 2012 Disponível em: <[http://csem.org.br/images/downloads/resenhas/Resenha\\_n\\_\\_89\\_-\\_Novembro\\_2012.pdf](http://csem.org.br/images/downloads/resenhas/Resenha_n__89_-_Novembro_2012.pdf)> Acesso em: 10 Mai 2018.

COSTA, Marli. *A transversalidade das políticas públicas na perspectiva de gênero*. In: REIS, Jorge Renato dos; LEAL, Rogério Gesta. Direitos sociais e políticas públicas: desafios contemporâneos. Tomo 11. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

DUTRA, Delia. *Mulheres migrantes peruanas em Brasília: o trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade*. Brasília: UNB, 2012. 236 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/11418>>. Acesso em: 10 Mai. 2018.

INGLÊS, Paulo. *Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola*. In: VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; BOTEGA, Tuíla (orgs.) Política migratória e o paradoxo da globalização. Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasília: CSEM, 2014.





MOROKVASIC, Mirjana. “*Birds of Passage are also Women.*” *International Migration Review*, v. 18, n. 4, 1984.

MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*. Percurso filosófico. Tradução de Maria Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget: 1995.

NEVES, Anamaria Silva; ROMANELLI, Geraldo. *A violência doméstica e os desafios da compreensão interdisciplinar*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n3/v23n3a09.pdf>. Acesso em: 26 abril 2018.

PARELLA Rubio, Sònia. *Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación*. Autores, Textos y Temas. Ciencias Sociales, n.º 36. Migraciones, proyecto editorial Barcelona: Anthropos, 2003.

VIANNA, Carlos Eduardo Souza. *Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira*. Disponível em: <http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/41/44>>. Acesso em: 09 mai. 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

